

**Colaboração em Museus:
a participação de mulheres asurinís na definição dos
critérios de restauração de vasilhas cerâmicas produzidas
pelas suas ancestrais**

290

**Collaboration in Museums:
the participation of Asurini women in the definition of
restoration criteria for ceramic vessels produced
by their ancestors**

Silvia Cunha Lima¹
Fabiola Andréa Silva²

DOI 10.26512/museologia.v10i19.34569

Resumo

Nos últimos anos, profissionais da conservação têm reconhecido que a sua atividade não é apenas um serviço especializado para a preservação de objetos em museus. Trata-se de uma atividade culturalmente significativa, uma atividade que implica na valoração dos objetos e que, necessariamente, afeta as pessoas que, de diferentes maneiras, entram em contato ou se relacionam com esses objetos. Por isso, alguns desses profissionais estão procurando colaborar com outros pesquisadores e distintos públicos do museu (p.ex. povos indígenas) para levar a cabo suas práticas de conservação, percebendo nesta colaboração uma possibilidade de aprendizado mútuo. Neste trabalho trataremos de uma experiência colaborativa que vivenciamos durante o processo de conservação/restauração de vasilhas cerâmicas arqueológicas musealizadas, do povo indígena Asurini.

Palavras-chave

Museu. Colaboração. Conservação. Cerâmica. Asurini do Xingu.

Abstract

In recent years, professionals are recognized that conservation is not just a specialized service for the preservation of objects in museums. Actually, conservation is a culturally significant activity, an activity that implies valuing objects, and an activity that necessarily affects people who, in different ways, are related to these objects. For this reason, some professionals are looking for collaboration with other researchers and different museum audiences (e.g. indigenous peoples). They are seeing this collaboration practices as a possibility for mutual learning. In this paper we will deal with a collaborative experience that we had during the process of conservation and restoration of musealized archaeological ceramic vessels of the Asurini do Xingu indigenous people.

Keywords

Museum. Collaboration. Conservation. Ceramic. Asurini do Xingu.

Introdução

No século XXI, os museus têm redefinido os seus princípios éticos no que se refere à preeminência na gestão das coleções e objetos etnográficos que estão sob a sua guarda. Assim, cada vez mais, essas instituições estão demonstrando um interesse legítimo em compartilhar ideias e reflexões, com os povos

1 Silvia Cunha Lima. Doutora em Arqueologia e especialista em conservação e restauro. Mestranda em cerâmica (Design and Craft) pela Estonian Academy of Arts, Estônia. ORCID 0000-0003-0986-5054

2 Fabiola Andréa Silva. Doutora em Antropologia. Docente e pesquisadora no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Coordenadora do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT). Bolsista de Produtividade (CNPq - ID). ORCID 0000-0001-5995-4704

indígenas, a respeito dos modos de conduzir a curadoria dessas materialidades tendo em vista serem eles os seus criadores ou, em outras palavras, a sua fonte.

Não se pode esquecer que na sua origem e, ao longo de muito tempo, os museus foram uma instituição que materializava o colonialismo ocidental, transformando as artes desses povos originários em troféus da conquista colonial, em índices do exotismo das culturas de além mares, em referentes de uma pretensa escala evolutiva da humanidade. Neste contexto, indígenas eram trazidos aos museus para dar informações sobre os objetos etnográficos, para produzir espécimes para completar as coleções já existentes, ou para possibilitar aos pesquisadores a investigação das técnicas e dos conhecimentos das culturas as quais pertenciam esses artesãos/artistas. Normalmente, isto era chamado de cooperação, e esses informantes ficavam no anonimato não sendo chamados a opinar sobre a gestão de seus bens culturais, sem serem reconhecidos pelo seu conhecimento e suas capacidades (ISAAC, 2013).

Na atualidade, este cenário está se transformando e os museus vão se configurando em espaços de preservação e compartilhamento de conhecimentos, em lugares de encontros e diálogos interculturais (BROEKHOVEN et al., 2010; PEERS; BROWN, 2003; SLEEPER-SMITH, 2009); o que não significa que as velhas práticas tenham sido totalmente abandonadas. Cabe dizer que os movimentos indígenas em sua luta pela repatriação e/ou gestão de seus bens culturais junto às instituições museológicas tradicionais, e as iniciativas de criação de museus geridos pelos próprios indígenas são as motivações fundamentais neste processo que busca a descolonização e a indigenização dos museus (LONE-TREE, 2009; ISAAC, 2009; KREPS, 2011). Para além da cooperação, hoje se busca uma colaboração efetiva entre museus e pessoas indígenas, e estas não podem mais ficar anônimas visto que se posicionam, trocam conhecimentos e se comprometem, juntamente com os profissionais de museus, com a gestão dos seus patrimônios culturais.

Neste cenário, a conservação assume um papel crucial tendo em vista que as intervenções de um conservador podem, ao mesmo tempo, preservar as características de um determinado objeto, ou transformá-las, ressaltando ou interferindo os/nos significados (p.ex. institucionais, monetários, estéticos, históricos, culturais, etc) atribuídos a ele, por diferentes pessoas ou grupos sociais. Para alguns autores, a conservação deve ser entendida como investigação, preservação e apresentação. Por isso, para o conservador(a) é sempre fundamental estabelecer um inventário do que precisa ser preservado em um objeto, bem como do modo como as ações da conservação precisam ser efetivadas, sendo que todo este processo é embasado por princípios teórico-metodológicos, e por uma ética da conservação (MUÑOZ VIÑAS, 2003; EASTOP, 2011; FEKRSANTATI, 2010).

Nos últimos anos, tais profissionais têm reconhecido que esta sua atividade não é apenas um serviço especializado para a preservação de objetos. Trata-se, também, de uma atividade culturalmente significativa, uma atividade que implica na valoração dos objetos e que, necessariamente, afeta as pessoas que, de diferentes maneiras, entram em contato ou se relacionam com este objeto (AVRAMI et al., 2000). Por isso, alguns conservadores e conservadoras têm procurado se engajar com diferentes pessoas – dentre elas indígenas – para levar a cabo suas práticas de conservação, percebendo nesta colaboração uma possibilidade de aprendizado mútuo (BROOKS, 2011; FEKRSANTI, 2010; KNOWLES, 2013).

Neste trabalho pretendemos fazer um relato da experiência que viven-

Colaboração em museus:

a participação das mulheres asurinís na definição dos critérios de restauração de vasilhas cerâmicas produzidas pelas suas ancestrais

ciamos durante o processo de conservação de vasilhas cerâmicas arqueológicas (fragmentadas e semi-inteiras) que foram coletadas em antigas aldeias outrora ocupadas pelo povo Asurini do Xingu, na região do médio rio Xingu, estado do Pará³. Trata-se de uma experiência de colaboração entre duas profissionais de museu (arqueóloga e conservadora) e duas mulheres asurinís, e que resultou na definição conjunta do modo de intervenção para a conservação/restauração desses objetos cerâmicos produzidos por ancestrais asurinís.

O Projeto de Pesquisa Colaborativa

No ano de 2010, foi iniciado um projeto de pesquisa arqueológica em colaboração com os Asurini do Xingu⁴. O mesmo foi intitulado “Território e História dos Asurini do Xingu”, e ele tinha como objetivo compreender o processo histórico de ocupação territorial deste povo indígena amazônico na região do médio rio Xingu e, mais especificamente, no território que hoje compreende a T.I. Koatinemo. A iniciativa de desenvolver tal projeto partiu dos próprios indígenas que, no ano de 2007, identificaram sinais de invasão e tentativa de grilagem, nas suas terras. Tratava-se de algo extremamente preocupante, e eles entenderam que era necessário investir tempo, energia e recursos em um projeto de pesquisa que pudesse proporcionar uma história das suas terras. Além de garantir ao povo Asurini a possibilidade de “olhar a terra”, este projeto também permitiria que as velhas gerações pudessem mostrar aos jovens, os seus antigos lugares de moradia, suas antigas aldeias. Do ponto de vista da arqueologia, este projeto permitiria, ainda, ter uma noção do potencial arqueológico desta área, no médio rio Xingu.

A primeira ação do projeto foi localizar, georreferenciar e investigar arqueologicamente os assentamentos asurinís localizados ao longo do igarapé Ipiaçava. Esses assentamentos datavam do período imediatamente anterior e posterior ao seu contato oficial com a sociedade nacional. Em maio de 2010, durante doze dias e com um grupo de 55 pessoas foi realizado um *survey* arqueológico, ao longo de 60 km deste igarapé, a partir do qual foram localizadas as aldeias *Awatikirera*, *Kwatinema Velho*, *Akapepugi* e *Taiviaka*, e o acampamento *Itapemuu*. Depois disso, os Asurini decidiram percorrer o igarapé Piranhaquara onde, segundo eles, estavam situadas as suas aldeias maiores e mais antigas, do período pré-contato. Assim, em maio de 2013, foi realizado um *survey* arqueológico, ao longo de 140 km deste igarapé e, desta vez, com um grupo de 98 pessoas foram localizadas as aldeias *Ipukui*, *Tapipiri*, *Itapytyuu* e *Myiryra*. Além dessas antigas aldeias, também foram localizados 10 outros sítios arqueológicos, até então desconhecidos na arqueologia da região amazônica. No ano de 2014, foi localizado e escavado o sítio *Yvytyrapitera* que ficava em um topo de morro, na área da aldeia Itaaka, às margens do rio Xingu e próximo da confluência deste rio com o rio Iriri. Tratava-se de um sítio com diferentes ocupações pré-coloniais, apresentando materiais atribuídos arqueologicamente às populações Tupi e Karib. No âmbito das atividades do projeto, nos anos de 2014 e 2017 foram realizados *surveys* arqueológicos ao longo do rio Xingu, no perímetro da T.I. Koatinemo, desde o igarapé Piranhaquara (limite sul), até o igarapé Lajes (limite

3 Esta experiência aconteceu nas dependências do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT), no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, em setembro de 2017.

4 Este projeto de pesquisa foi coordenado pela Prof^a Dr^a Fabíola Andréa Silva, pesquisadora e docente do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

norte) (Figura 1). A última etapa do projeto foi realizada em 2018, no igarapé Lajes, onde foram localizados mais sítios arqueológicos pré-coloniais (SILVA, 2013, 2015; SILVA, et al. 2011; SILVA; GARCIA, 2015; SILVA; NOELLI, 2019).

No decorrer dos trabalhos foram localizados 65 sítios arqueológicos na T.I. Koatinemo, bem como coletados e analisados mais de 5.000 fragmentos cerâmicos e 25 vasilhas cerâmicas (inteiras ou semi-inteiras). No que se refere a este material cerâmico, foram realizadas análises de atributos (p.ex. contorno formal, pasta, acabamento de superfície), de marcas de uso e de deposição, bem como arqueométricas (p.ex. composição química e mineralógica da pasta, granulometria, densitometria, temperatura de queima) (GARCIA, 2017; MOTA, 2017; CUNHA LIMA; SILVA, 2015).

Figura 1: Coleta de superfície de fragmentos cerâmicos realizada no igarapé Piranhaquara.



Foto: Acervo LINTT.

O resultado desta pesquisa arqueológica colaborativa foi a constatação de que a T.I. Koatinemo é um palimpsesto de ocupações indígenas, incluindo o povo Asurini do Xingu. Além disso, correlacionando os dados arqueológicos com uma análise crítica dos dados históricos sobre esta região do médio Xingu foi possível compreender que esta Terra Indígena é um território que vem sendo ocupado e transformado por este povo indígena, desde muito tempo, e não apenas a partir do processo de territorialização, iniciado com o contato oficial, na década de 1970 (SILVA; NOELLI, 2019:85-98).

Colaboração no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

No ano de 2017, no âmbito desta pesquisa colaborativa, duas mulheres pertencentes ao povo Asurini do Xingu foram convidadas para participar das atividades de conservação e restauração de vasilhas cerâmicas que haviam sido resgatadas, no ano de 2013, em aldeias localizadas no igarapé Piranhaquara; eram elas, as experientes ceramistas Myrá Asurini e Matuja Asurini. Há anos elas vinham colaborando com as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas na T.I. Koatinemo, por diferentes pesquisadores e pesquisadoras, sendo elas mulheres de grande conhecimento da história, do modo de vida e das técnicas cerâmicas dos asurinins. Cabe dizer, ainda, que elas sempre foram muito interessadas em conhecer novas realidades e interagir com os não-indígenas.

Colaboração em museus:

a participação das mulheres asurinís na definição dos critérios de restauração de vasilhas cerâmicas produzidas pelas suas ancestrais

A vinda dessas mulheres estava sendo gestada, desde que o ano de 2014, quando iniciamos as análises arqueológicas e as atividades de conservação⁵ das vasilhas cerâmicas coletadas nas antigas aldeias do igarapé Piranhaquara. Durante os trabalhos tentamos classificar os tipos de vasilhas e verificar as marcas – nas superfícies externa e interna – resultantes do processo de produção e/ou uso das mesmas, bem como identificar as assinaturas materiais resultantes dos processos pós-deposicionais. Nesta ocasião, buscamos fazer uma associação entre etnoarqueologia, arqueometria e conservação, para tentar compreender os processos culturais e naturais de formação deste registro arqueológico. Com esta abordagem conseguimos perceber diferentes marcas, em determinados tipos de vasilhas, resultantes da produção e uso (p.ex. inclusões minerais, *fire-clouds*, rachaduras, estrias, fuligem, quebras), e que diziam respeito às atividades de preparar a pasta cerâmica, manufaturar e queimar as vasilhas, ou ainda, de processar alimentos, transportar e consumir líquidos. Ao mesmo tempo, identificamos algumas assinaturas materiais (p.ex. degradação e incrustações das/nas superfícies) que diziam respeito ao modo de deposição e aos processos de pós-deposição das vasilhas no solo⁶.

Apesar de termos avançado na análise e nas atividades de conservação das vasilhas cerâmicas entendemos que ainda havia algumas questões que poderiam ser melhor resolvidas com o auxílio de ceramistas asurinís. Em particular, aquelas que diziam respeito à classificação das vasilhas, às marcas de uso e à conservação. Ao mesmo tempo, ficou claro para nós que algumas vasilhas deveriam ser restauradas, dada a importância desses objetos na trajetória histórico-cultural do povo Asurini. Neste caso, nós entendemos que sem uma apresentação e discussão, para/com as ceramistas asurinís, dos critérios para a restauração morfológica e estética das vasilhas, não estaríamos respeitando as próprias ‘autoras’ no que se referia à conservação e exposição do conteúdo cultural (simbólico) deste conjunto artefactual. Neste caso, o diálogo com mulheres ceramistas era imprescindível para determinar quais vasilhas seriam restauradas e os critérios a serem empregados nesta ação. Assim, em 2014, enquanto estávamos investigando arqueologicamente o sítio *Yvytyrapitera*, na aldeia Itaaka, começamos a planejar a vinda das ceramistas para o nosso laboratório, na Universidade de São Paulo, a fim de que estas colaborassem na definição do protocolo de atividades para a restauração das vasilhas cerâmicas.

O planejamento da vinda de Matuja e Myrá para São Paulo demandou algum tempo, sendo que somente em setembro de 2017 pudemos recebê-las para a realização das atividades em laboratório⁷. Nesse período de preparação da vinda das ceramistas asurinís pudemos realizar os procedimentos direcionados à conservação curativa como, por exemplo, a limpeza superficial, mantendo marcas de uso e de pós-deposição para serem avaliadas conjuntamente com as ceramistas. Além disso, fizemos a remontagem de vasilhas fragmentadas, colaborando para o estudo arqueológico desses objetos. Tendo sempre como perspectiva a vinda de Matuja e Myrá, realizamos o tratamento das vasilhas, também

5 Sílvia Cunha Lima estava desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado “Conservação Arqueológica: uma reflexão a partir de estudos de caso no Brasil”. Este projeto tinha como objetivo refletir sobre as especificidades da conservação e restauro de cerâmicas provenientes de contextos arqueológicos, bem como sobre as interfaces entre Arqueologia e Conservação-Restauração, nas várias etapas da pesquisa arqueológica.

6 Para entender os aportes teórico-metodológicos e os resultados desta investigação sobre as vasilhas cerâmicas consulte os trabalhos de SILVA; CUNHA LIMA (2015) e CUNHA LIMA; SILVA (2015).

7 Naquela ocasião, o filho de Matuja, Time’í Asurini residia no Rio de Janeiro, sendo que o mesmo veio até São Paulo para acompanhar a sua mãe nesta atividade junto ao MAE/USP.

com o propósito de, através desse conjunto, demonstrar e discutir com elas as diferentes etapas das atividades de estudo e conservação.

As mulheres asurinias no Museu de Arqueologia e Etnologia-USP

Apesar da visita de indígenas às dependências do Museu ser uma ação promovida também por outros pesquisadores (CURY, 2020; SILVA; GORDON 2011), foi notável como a presença das ceramistas asurinias no laboratório (LINTT) causou certo rebuliço, atraindo estudantes e funcionários. O desenvolvimento de atividades conjuntas de conservação e restauro durante uma semana⁸ provocou um fluxo maior de pessoas ao laboratório, todas interessadas em conhecer o trabalho em andamento. É interessante comentar que, em certos momentos, este fluxo de pessoas afetou as atividades desenvolvidas, gerando interrupções no diálogo e a distração e/ou retração das ceramistas asurinias.

Discussões sobre morfologia, limpeza, marcas de uso e de deposição das vasilhas

Iniciamos a semana de atividade colaborativa mostrando o conjunto de vasilhas cerâmicas coletadas, e explicando, através da visualização das diferentes etapas de tratamento, os procedimentos de conservação e restauro que haviam sido realizados (Figura 2). Nesta longa conversa, relembramos passagens da pesquisa arqueológica que gerou a coleta desse material e, também, discutimos sobre os aspectos morfológicos e etimológicos relativos à classificação e nomenclatura das vasilhas.

Figura 2: Discussão sobre o conjunto de vasilhas asurinias no Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território – LINTT – MAE/USP.



Foto:Acervo LINTT.

Dentre o conjunto de vasilhas resgatadas no igarapé Piranhaquara, somente as vasilhas encontradas fragmentadas (parcial ou totalmente) foram cedidas pelos asurinias para a guarda e pesquisa arqueológica no Museu. Ambas as ceramistas ficaram positivamente surpresas ao rever os fragmentos dessas vasilhas resgatadas, conservados e reposicionados, reconstituindo assim um conjunto de vasilhas inequivocamente asurinias.

8 Durante aquela semana também foi realizada um visita à área de reserva técnica, um seminário com alunos da graduação e pós-graduação e a comercialização de objetos asurinias trazidos por elas.

Colaboração em museus:

a participação das mulheres asurinias na definição dos critérios de restauração de vasilhas cerâmicas produzidas pelas suas ancestrais

Essas discussões sobre as vasilhas cerâmicas foram registradas em áudio – aproximadamente 100 minutos de gravação – e será a partir da transcrição de alguns trechos⁹ dessas falas gravadas que apresentaremos as atividades de conservação realizadas, mostrando o protagonismo das asurinias nessa etapa da colaboração.

Silvia: “Iniciamos o trabalho pela limpeza das vasilhas, e apesar delas ainda parecerem meio sujas, elas tinham bastante terra grudada nelas. Nossa limpeza foi bem pouca, e isso é algo que quero perguntar para vocês. Nosso objetivo quando a gente limpou, foi não limpar muito porque a gente queria ver as marcas de uso das vasilhas. Queríamos saber se acham que as vasilhas ainda estão muito sujas, feias, ou se estão bonitas?”

Matuja: “Está não. Porque vasilha antiga é assim mesmo, porque a gente usa para fazer mingau, fazer comida e daí elas ficam assim. Hoje a gente não usa mais muito, mas ainda usa.”

O critério e grau de limpeza adotados, priorizando a conservação de assinaturas e de marcas de uso pareceu não somente ter agradado Matuja e Myrá, como também, ter propiciado o reconhecimento das vasilhas ‘como iguais àquelas usadas na aldeia’.

Os diferentes materiais que encontramos aderidos às superfícies das vasilhas - fuligem, vestígio de alimento, biodeterioração, dentre outros – foram mostrados a elas, e especialmente, aqueles encontrados em alguns exemplares de vasilhas que, durante a nossa pesquisa inicial – antes da sua vinda – haviam deixado dúvidas quanto à sua identificação. Durante esta atividade, as ceramistas asurinias compreenderam nossa intenção de preservar todas as informações referentes ao uso das vasilhas cerâmicas, sendo que prosseguimos observando vasilha por vasilha, com a colaboração de Myrá e Matuja, para caracterizar, confirmar ou refutar hipóteses anteriores sobre as marcas de uso e assinaturas pós-depositacionais nelas presentes (SILVA; CUNHA LIMA, 2015).

Um momento interessante a ser destacado nesta experiência foi a discussão sobre uma vasilha que apresentava uma camada de material aderido na face interna, sendo este material muito diferente em comparação aos demais encontrados em outras vasilhas do conjunto. Tal material era diferente não somente em relação à textura e espessura, mas também, no que se referia à sua localização no corpo da vasilha – i.e. em apenas uma metade da face interna do bojo. Perguntamos para a Myrá – depois dela ter realizado o exame do material a partir da observação visual e do toque e da raspagem com o dedo e a unha – o que ela achava que poderia ser esse resíduo? Ela respondeu: “para mim parece queimado aqui, mingau que queimou. Pode ser, vamos falar com Matuja.” Matuja realizou os mesmos procedimentos de observação – i.e. toque e raspagem do material e da superfície cerâmica com a unha – e na incerteza respondeu: “comida que queimou”. Porém, ambas pareceram não estar convencidas dessa explicação e seguiram dialogando entre elas, na língua asurini, até que chegaram à uma nova conclusão: “assim fazia óleo de babaçu queimado, em panela velha, por isso que está bem queimadinho”.

A hipótese desta vasilha ter sido reutilizada para a produção de óleo de coco de babaçu, de acordo com as próprias asurinias, era coerente com o tipo de material aderido e a sua localização no corpo da mesma. Na produção deste óleo é necessário ficar mexendo constantemente os pedaços de coco a fim de que o óleo que deles se desprende não grude totalmente na ‘barriga’ da vasilha,

⁹ Os trechos aqui transcritos fazem parte do Relatório Científico (final) de Pós-Doutorado de Silva Cunha Lima. Essas falas gravadas não foram editadas na transcrição, mantendo o tom coloquial dos diálogos.

sendo que esta pode ser colocada no fogo, apoiada lateralmente. Segundo Matuja e Myrá, para esse processamento do óleo, as mulheres asurinias costumam utilizar vasilhas de grandes dimensões danificadas, e que não servem mais para cozinhar, ou ainda, que já estão parcialmente fragmentadas. Pois bem, o material aderido na vasilha que nós analisamos localizava-se na metade da sua face interna, portanto, de modo coerente com o posicionamento da mesma no fogo, ou com o fato de poder se tratar de uma vasilha fragmentada. Além disso, a espessura da camada de material aderido e queimado parecia ser pertinente com o tipo de resíduo que é gerado neste processo de produção de óleo. No entanto, ainda não foi possível realizarmos outras análises – p.ex. arqueométricas – para confirmar ou refutar esta explicação sobre a tal marca de uso.

Outra vasilha que também gerou uma discussão interessante sobre as suas marcas de uso foi uma que apresentava material enegrecido aderido na face externa, tanto na metade inferior do bojo – compatível com o processo de deposição de fuligem pelo contato com o fogo – como na metade superior próximo à borda. Ao analisarmos esta vasilha pensamos que este material aderido poderia se tratar de resíduo de alimento ou de biodeterioração. Porém, Myrá conclui: “aqui é sujeira de chuva, só aqui (na parte inferior) que é fogo”; disse isso, apontando para as diferentes partes da vasilha. No final da discussão, Myrá e Matuja concordaram que a “sujeira de chuva” deveria ser limpa, sendo deixados somente os vestígios de comida e fogo.

Critérios de limpeza foram reforçados e estabelecidos para cada vasilha a partir desses diálogos de aprendizado mútuo, bem como foram levantadas novas hipóteses para as marcas resultantes dos processos de produção e uso, e para as assinaturas deixadas pelos processos pós-deposicionais.

Diálogos sobre as atividades de restauração das vasilhas

Antes de apresentarmos para Myrá e Matuja outras questões mais específicas referentes ao tratamento restaurativo do conjunto de vasilhas cerâmicas, explicamos e demonstramos cada uma das etapas desse processo. Por exemplo, tratamos da colagem e reconstituição que haviam sido realizadas, explicando a adoção do critério de mínima intervenção, a partir do qual se realiza a reconstrução da forma da vasilha somente onde isto se faz necessário, para dar estabilidade estrutural ao conjunto de fragmentos reunidos; também abordamos os diferentes materiais que haviam sido utilizados para o tratamento. Na preparação dessa atividade de explicação dos procedimentos restaurativos, consideramos importante deixar algumas vasilhas sem a finalização do tratamento, a fim de poder utilizá-las para exemplificar os métodos e os conceitos que pretendíamos apresentar, bem como para facilitar a aproximação de Myrá e Matuja dos procedimentos em execução¹⁰.

Outra atividade que também tinha a intenção de aproximar nossos olhares e experiências sobre o material cerâmico, foi a de proporcionar às ceramistas asurinias a realização dos procedimentos restaurativos observados em um fragmento de vasilha que apresentava lacunas, e que havia sido preparado anteriormente para essa atividade. Propusemos, então, que elas mesmas realizassem as etapas de reconstituição/reconstrução da área faltante e reintegração pictórica dessa área da vasilha (Figura 3 e 4), experimentando as ferramentas

10 É importante dizer que todas as atividades que foram desenvolvidas com Myrá e Matuja foram planejadas com antecedência. Nosso objetivo era alcançar o melhor aproveitamento do seu tempo conosco, e obter os melhores resultados possíveis nesta colaboração.

Colaboração em museus:

a participação das mulheres asurinias na definição dos critérios de restauração de vasilhas cerâmicas produzidas pelas suas ancestrais

e materiais que são, correntemente, utilizados para a restauração de objetos cerâmicos.

Figura 3: Matuja Asurini realizando procedimento de reconstrução de área faltante.



Foto:Acervo LINTT.

Myrá Asurini realizando a remoção do excesso de material para nivelamento da da área reconstruída.



Foto:Acervo LINTT.

O contato direto com as ferramentas, os materiais, as técnicas e a vasilha cerâmica possibilitou o surgimento de uma nova abordagem/perspectiva para a discussão dos procedimentos realizados com as vasilhas, mas, sobretudo, permitiu que as ceramistas asurinias construíssem sua própria percepção sobre o que é restauração.

Após a apresentação das técnicas e explicação dos objetivos de cada procedimento proposto para ser realizado, as asurinias eram deixadas com liberdade para proceder a sua maneira em relação aos materiais (Figura 5). Além dis-

so, a cada etapa realizada por elas tentávamos sistematizar uma breve discussão sobre a percepção delas de cada atividade e do resultado alcançado. Ao longo de todo esse processo, ambas demonstraram interesse, atenção e zelo na realização dos procedimentos para a reconstituição formal da vasilha. Elas, inclusive, concluíram que é preciso muito tempo para fazer corretamente a restauração das vasilhas, mais do que “para fazer cerâmica”.

Figura 5: Matuja Asurini e Myrá Asurini iniciando a reintegração pictórica da área reconstruída após a explicação sobre o procedimento e os materiais utilizados.



Foto:Acervo LINTT.

Somente após termos percorrido esse percurso, desenvolvendo atividades variadas conjuntamente, abordamos outro ponto primordial e gerador da atividade de conservação colaborativa - a definição do critério de restauração estética do conjunto de vasilhas. Utilizando como recurso as vasilhas reconstituídas que apresentavam reconstrução morfológica parcial, perguntamos para a Matuja e Myrá: “Vocês acham que assim, deixando esses vazios, eu já consigo ver a vasilha Asurini?”

Ambas responderam, primeiramente Myrá: “é bom preencher porque esse buraco não dá certo...melhor essa aqui – apontando outra vasilha – essa quase inteira. Essa – voltando-se para a primeira – tem que colocar esse pedaço aqui”. Matuja concorda e completa “está faltando até a boca dela e devia ficar que nem a outra” – apontando a vasilha inteira. Elas concluem: “inteira fica mais bonita!”

Assim, elas definiram o critério de restauração que passaria a ser adotado de reconstituição morfológica total das vasilhas asurinis. A única exceção apontada por elas, foram as corriqueiras lacunas da borda provenientes do uso das vasilhas, estas poderiam ser mantidas, enquanto que todas as outras áreas faltantes, “buracos”, deveriam ser reconstruídas.

Conclusão

Embora em muitos museus se observe a preeminência da conservação preventiva sobre a restauração, algumas autoras ressaltam a importância desta última para a preservação de determinados bens culturais. No entanto, chamam a atenção de que é preciso sempre ter claro que a decisão por restaurar tem consequências – às vezes irreversíveis – e, por isso, ela precisa estar respaldada por princípios éticos e consistentes aportes teórico-metodológicos. Além disso, diante dessa nova conjuntura a que estão submetidos os museus, a restauração – e de modo geral a conservação – implica no reconhecimento dos direitos dos povos originários de fazer escolhas sobre os modos de intervir nos objetos (BROOKS, 2011; EASTOP, 2011).

Na ciência da conservação existem diferentes modos de intervir nos objetos como, por exemplo: abordagem preventiva, para preservar a forma original e minimizar danos; abordagem curativa, para suspender processos prejudiciais atuais e restituir ou reforçar a estrutura; abordagem restaurativa, para aprimorar a legibilidade, compreensão e uso dos objetos. Em cada processo de intervenção, as decisões são contingentes, sendo que não existe um único protocolo de ação, ou um único conjunto de princípios éticos a serem seguidos. Inclusive, se defende que a ética na conservação se efetiva na prática, caso a caso (EASTOP, 2011). Em se tratando de objetos e coleções etnográficas isto faz todo o sentido, pois as experiências têm mostrado que cada povo indígena se apropria da instituição museológica e dos objetos no museu a partir das suas prerrogativas culturais, das suas histórias, das suas ontologias (SILVA, 2012; SILVA; GORDON, 2013; VIDAL, 2013).

O trabalho de observação de um conjunto diversificado de vasilhas em termos dos seus diferentes estados de conservação e integridade, a demonstração de procedimentos conservativos e restaurativos e, termos proporcionado para Matuja e Myrá a realização de várias etapas desse processo, contribuiu para a compreensão da cadeia operatória de conservação-restauração, na qual, assim como na produção cerâmica, as escolhas e gestos de cada etapa interferem na etapa seguinte, e no resultado. Porém, mais do que isso, permitiu a construção de um discurso asurini sobre a conservação-restauração de suas vasilhas, e a elaboração colaborativa de um protocolo de conservação-restauração de sua cultura material. Esta experiência corroborou a percepção atual da importância do entendimento do *produtor*, do *coletor* e do *pesquisador*, entre outros, sobre a tomada de decisões de conservação, ou ainda, o porquê da contribuição dos indígenas como parte inequívoca do processo (APPELBAUM, 2008). Ao identificarem uma vasilha que não era asurini – uma possível vasilha do povo Juruna –, e ao serem indagadas sobre se essa também deveria ser reconstruída, ambas responderam, prontamente: “essa pode ficar desse jeito mesmo”.

Nas experiências colaborativas como esta que vivenciamos e descrevemos, as atividades de conservação/restauração implicam em uma forma de engajamento social, pois elas pressupõem questionamentos do tipo: Quem deve decidir pela conservação/restauração? Para quem e por que a conservação/restauração é importante? Quais são as características dos objetos que devem ser preservadas, e por que e por quem elas devem ser preservadas?

Diferentes autores têm defendido que as coleções e os objetos (etnográficas e arqueológicas) nos museus são documentos que podem ser lidos e interpretados de muitas e diversas maneiras. Ou ainda, que os estudos e as reflexões sobre tal materialidade necessariamente comportam uma multiplici-

dade de olhares (p.ex. do produtor, do coletor, do pesquisador, do conservador, dos visitantes do museu); objetos ou coleções de museu são sempre plurissemânticos (RIBEIRO; VELTHEM, 1998; PEARCE, 1999; MUÑOZ VIÑAS, 2003; VELTHEM, 2012; SILVA; GORDON, 2011; HERITAGE; COPITHORNE, 2018). A percepção desses diferentes significados dos objetos e das coleções etnográficas reforça a convicção nas potencialidades epistemológicas das curadorias colaborativas, nessas práticas que transformam os museus em lugares de encontro, em “zonas de contato” (CLIFFORD, 1997). Assim, em consonância com outras áreas envolvidas nos processos museológico-curatoriais, a conservação/restauração, na atualidade, não pode mais se resumir ao tratamento ou embelezamento de objetos, devendo re-orientar suas ações para a valorização desses múltiplos significados dos patrimônios culturais.

Referências

APPELBAUM, Barbara. Conservation Treatment and the Custodian/Conservator Relationship. In: *CeROArt - Conservation, exposition, Restauration d'Objets d'Art*, vol. 2 (Regards contemporains sur la restauration), 2008. [Online since 02 October 2008, connection on 02 May 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ceroart/445> ; DOI : 10.4000/ceroart.445]

AVRAMI, Erica; MASON, Randall; DE LA TORRE, Marta. *Values and Heritage Conservation*. Research Report. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2000.

BROEKHOVEN, Laura van; BUIJS, Cunera; HOVENS, Pieter (Eds.). *Sharing Knowledge & Cultural Heritage: First Nations of the Americas*. Studies in Collaboration with Indigenous peoples from Greenland, North and South America. 1ªed, Leiden: Sidestone Press, 2010.

BROOKS, Mary M. Sharing conservation ethics, practice and decision-making with museum visitors. In: *The Routledge Companion to Museum Ethics*. Redefining Ethics for the Twenty-First Century Museum. MARSTINE, Janet (Ed.). 1ªed, Londres: Routledge, 2011, pp.332-349.

CUNHA LIMA, Silvia; SILVA, Fabíola A. Etnoarqueologia Cerâmica e Arqueometria: Radiografia de Raios X na análise de objetos cerâmicos dos Asurini do Xingu. *Cadernos do CEOM*, vol.28, 43, p. 31-40.

CURY, Marília X. Museus etnográficos e indígenas – Aprofundando questões, reformulando ações. In: *Museus etnográficos e indígenas*. Aprofundando questões, reformulando ações. CURY, Marília X. (Org.). 1ªed. São Paulo. Brodowski: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo; ACAM Portinari; Museu de Arqueologia-USP, 2020. pp. 13-19.

EASTOP, Dinah. Conservation practice as enacted ethics. In: *The Routledge Companion to Museum Ethics*. Redefining Ethics for the Twenty-First Century Museum. MARSTINE, Janet (Ed.). 1ªed, Londres: Routledge, 2011, pp.426-444.

FEKRSANATI, Farideh. Conservation's role in building relationships with source communities. In: *Sharing Knowledge & Cultural Heritage: First Nations of the Americas*. Studies in Collaboration with Indigenous peoples from Greenland, North

Colaboração em museus:

a participação das mulheres asurinís na definição dos critérios de restauração de vasilhas cerâmicas produzidas pelas suas ancestrais

and South America. BROEKHOVEN, Laura van; BUIJS, Cunera; HOVENS, Pieter (Eds.). 1ªed, Leiden: Sidestone Press, 2010, pp.105-116.

GARCIA, Lorena L.W.G. *Paisagens do Médio-Baixo Xingu*. Arqueologia, Temporalidade e Historicidade. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

HERITAGE, Alison; COPITHORNE, Jennifer (Eds.). *Sharing Conservation Decisions: Current Issues and Future Strategies*. 1ed, Roma: International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property (ICCROM), 2018.

ISAAC, Gwyneira. We'wha goes to Washington. In: *Reassembling the Collection. Ethnographic Museums and Indigenous Agency*. HARRISON, Rodney; BYRNE, Sarah; CLARKE, Anne (Eds.). 1ªed, Santa Fe: School for Advanced Research Press (SAR), 2013, pp.143-169.

ISAAC, Gwyneira. Responsibilities toward knowledge: the Zuni Museum and the reconciling of different knowledge systems. In: *Contesting knowledge. Museums and indigenous perspectives*. SLEEPER-SMITH, Susan (Ed.). 1ªed. Lincoln: University of Nebraska Press, 2009, pp. 303-321.

KNOWLES, Chantal. Artifacts in waiting: altered agency of museum objects. In: *Reassembling the Collection. Ethnographic Museums and Indigenous Agency*. HARRISON, Rodney; BYRNE, Sarah; CLARKE, Anne (Eds.). 1ªed, Santa Fe: School for Advanced Research Press (SAR), 2013, pp.229-257.

KREPS, Christina. Changing the rules of the road: Post-colonialism and the new ethics of museum anthropology. In: *The Routledge Companion to Museum Ethics. Redefining Ethics for the Twenty-First Century Museum*. MARSTINE, Janet. 1ªed, Londres: Routledge, 2011, pp.70-84.

LONETREE, Amy. Museums as sites of descolonization: truth telling in national and tribal museums. In: *Contesting knowledge. Museums and indigenous perspectives*. SLEEPER-SMITH, Susan (Ed.). 1ªed. Lincoln: University of Nebraska Press, 2009, pp. 322-337.

MOTA, D.P.O *Material da Cultura: Análises Arqueométricas da Cerâmica Arqueológica da T.I. Koatinemo, Pará*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MUÑOZVIÑAS, Salvador. *Teoría Contemporánea de la Restauración*. 1 ed, Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

PEARCE, Susan. Museum Objects. In: *Interpreting objects and collections*. PEARCE, S. (Ed.). London: Routledge, 1999, pp. 9-11.

PEERS, Laura; BROWN, Alison (Eds.). *Museums and source communities: a Routledge reader*. London: Routledge, 2003.

RIBEIRO, Berta;VELTHEM, Lúcia H. van. Coleções etnográficas: documentos ma-

teriais para a história e etnologia. In: *História dos índios no Brasil*. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 103-112.

SILVA, F.A. Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu: um relato da pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 58, 1, p. 143-172, 2015.

SILVA, F.A. Território, lugares e memória dos Asurini do Xingu. *Revista de Arqueologia*, Sociedade de Arqueologia Brasileira, vol. 26, 1, p. 28-41, 2013.

SILVA, Fabíola A. Os Asurini do Xingu no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). In: *Questões indígenas e museus*. Debates e possibilidades. CURY, Marília X.; MELLO VASCONCELOS, Camilo de; ORTIZ, Joana M. (Orgs.). Brodowski: ACAM/MAE/USP/Secretaria de Cultura de São Paulo, 2012. pp. 163-172.

SILVA, Fabíola A.; CUNHA LIMA, Silvia. Etnoarqueologia, conservação arqueológica e a compreensão dos processos do registro arqueológico na Amazônia: a cerâmica arqueológica dos Asurini do Xingu, Pará. *Revista de Arqueologia*, Sociedade de Arqueologia Brasileira, vol. 28, 1, p. 123-142, 2015.

SILVA, Fabíola A.; GARCIA, Lorena L.W. G. Território e memória dos Asurini do Xingu: arqueologia colaborativa na T.I. Koatinemo, Pará. *Amazônica*, *Revista de Antropologia*, Belém, vol. 7, 1, p. 74-99, 2015.

SILVA, Fabíola A.; GORDON, Cesar. Anthropology in the museum reflections on the curatorship of Xikrin collection. *Vibrant*. Virtual Brazilian Anthropology, vol. 10, 1, p. 425-468, 2013.

SILVA, Fabíola A.; GORDON, Cesar (Orgs.). *Xikrin*. Uma coleção etnográfica. Fotografias de Wagner Souza e Silva. 1ªed. São Paulo: EDUSP, 2011.

SILVA Fabíola A.; NOELLI, Francisco S. Sobre um (des)encontro colonial: uma arqueologia do passado recente dos Asurini do Xingu. In: *Índios no Brasil*. Vida, cultura e morte. 1ªed. São Paulo: Intermeios, 2019. pp. 77-98.

SILVA, Fabíola A.; BESPALAZ, Eduardo ; STUCHI, Francisco F. Arqueologia colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Koatinemu, Rio Xingu, Pará. *Amazônica*. *Revista de Antropologia*, vol. 3, 1, p.32-59, 2011.

SLEEPER-SMITH, Susan (Ed.). *Contesting knowledge*. Museums and indigenous perspectives. 1ªed. Lincoln: University of Nebraska Press, 2009.

VELTHEM, Lúcia H. van. O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, Belém, vol. 7, 1, p. 51-66, 2012.

VIDAL, Lux B. Kuahí. The indians of the lower Oiapoque and their museum. *Vibrant*, Virtual Brazilian Anthropology, vol. 10, 1, p. 387-423, 2013.

Colaboração em museus:
a participação das mulheres asurinias na definição dos critérios de restauração de vasilhas cerâmicas produzidas pelas suas ancestrais

Agradecimentos

Ao povo Asurini do Xingu pela colaboração e acolhimento durante a pesquisa na T.I. Koatinemo. À Myrá Asurini e Matuja Asurini pela parceria e ensinamentos durante as atividades de conservação/restauração das vasilhas cerâmicas, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. À conservadora Cristiane Landi que colaborou nas atividades de conservação/restauração das vasilhas cerâmicas antes e durante a visita das ceramistas asurinias ao MAE/USP. À Marília Xavier Cury pelo convite generoso de participar desta publicação. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos financeiros para a realização de nossas pesquisas junto ao povo Asurini do Xingu.

Recebido em 04 de outubro de 2020

Aprovado em 11 de janeiro de 2021